
A PRODUÇÃO DE CURTAS NA UNIVERSIDADE

The production of short films at the University

Fabíola Moura Reis Santos

Jornalista pela Universidade Federal de Pernambuco (1996), com Especialização em Ensino de Comunicação Social pela Universidade do Estado da Bahia (2005). Fonoaudióloga pela Universidade Católica de Pernambuco (1995), com Especialização em Voz pelo Conselho Federal de Fonoaudiologia (CFFa/2000). Professora Auxiliar do Curso de Comunicação Social-Jornalismo em Multimeios, desde março/2005. Repórter e Editora de texto da TV São Francisco, afiliada Rede Globo em Juazeiro-BA, desde agosto/1996, Juazeiro, BA - Brasil, e-mail: fmr santos@uneb.br

Resumo

Este relato reflete o desenvolvimento de práticas educativas no ensino de jornalismo, priorizando aproximar teoria e prática, pesquisa e produção visual. O desafio era produzir quatro vídeo-documentários na disciplina Laboratório de Vídeo-Arte, uma proposta da professora-orientadora Fabíola Moura, que percebeu nos alunos do Curso de Comunicação Social/Jornalismo em Multimeios, da Universidade do Estado da Bahia, uma vocação para a pesquisa e produção audiovisual. No curto espaço de quatro meses, um semestre letivo, os alunos, utilizando o conhecimento e as técnicas estudados na referida disciplina, não só criaram seus roteiros, como também filmaram e coordenaram a edição do material audiovisual, participando de todo o processo de produção de um vídeo. O material foi exibido na Mostra "Curta na UNEB", espaço organizado para a socialização de conhecimento e experiências laboratoriais, que chegou este ano a sua terceira edição.

Palavras-chave: Documentarismo; Vídeo; Cinema.

Abstract

This report considers the development of educational practices of the journalism teaching, prioritising to approach theory and practice, research and visual production. The challenge was to produce four documentaries for the video art laboratory discipline, a proposal from the leader teacher Fabíola Moura, who realized that the students of the course of social/journalism communication in multimedia of the University from the State of Bahia, had a vocation for research and audiovisual production. In a short space of time of four months, relative to a semester of study, the students, using the knowledge and the techniques studied in the mentioned discipline, do not just created their scripts, but also shooted and coordinated the edition of the audiovisual material, participating of all the video production process. The material was exhibited at the Exhibition "Short Film at UNEB", a space organized to socialize knowledge and laboratorial experiences, that this year is presanting its third edition.

Keywords: Documentary film; Vídeo; Cinema.

RELATO

Inspirado na proposta de que é possível o desenvolvimento de um trabalho que desperte a necessidade de se educar o olhar de indivíduos e grupos sociais, nasceu o Projeto Laboratorial Curta na Uneb: Mostra de Vídeo-documentário do DCH III, em Juazeiro-BA. Além de incentivar os alunos do Curso de Comunicação Social-Jornalismo em Múltiplos da Universidade do Estado da Bahia a produzirem vídeo-documentários em caráter experimental, o projeto também teve como meta principal despertar nos estudantes um olhar diferenciado sobre o objeto pesquisado para, dessa forma, motivar a construção/desconstrução de linguagens que utilizem os signos visuais e auditivos em todas as suas potencialidades.

A mostra de vídeos nasceu de uma atividade da disciplina Laboratório de Vídeo-Arte, como um espaço alternativo para exibir a produção dos alunos, já que a disciplina proporcionou aos estudantes a oportunidade de exercitarem sua criatividade na idealização e execução de roteiros de temática livre, com a orientação da professora da cadeira. Num período de um semestre, os alunos desenvolveram, dentro do conteúdo programático proposto na disciplina de Laboratório de Vídeo-Arte, pesquisas com o suporte teórico de uma bibliografia sobre o documentarismo no Brasil e no mundo para posteriormente iniciarem as gravações. Para a produção dos vídeos e das três edições do evento, foram realizadas aulas discursivas, atividades práticas (produção experimental de um vídeo ou documentário), leituras de textos, exibição de vídeos e documentários, planejamento, execução e análise crítica de uma Mostra de Vídeo.

AS PRODUÇÕES

Com a experiência, foi possível desenvolver e compreender a produção experimental de vídeos e documentários, discutindo e analisando as obras audiovisuais nacionais e internacionais, dentro de um contexto histórico, social, artístico e educativo. O resultado foi a elaboração de quatro vídeos experimentais, além de um vídeo-memorial, em cada edição, totalizando 10 produções, só nos dois primeiros anos do evento. As imagens foram captadas em

uma câmera VHS pelos próprios alunos-documentaristas, que elaboraram, dirigiram e editaram seus roteiros numa ilha de edição digital e com o apoio de um editor de imagens. Na primeira edição do evento, realizada em 2006, os quatro curtas produzidos foram: **“Noturno”**, que apresenta as inúmeras faces da noite e sua simbologia, os encantos e os perigos, a magia e o mistério, numa linguagem que une inovação técnica com literatura e poesia (criação, roteiro e direção dos alunos: Álvaro Luiz, Ecliz Rodrigues, Germano Xavier, Inês Guimarães, Leônidas Vidal e Patrícia Telles); **“Além do Forte”**, que expressa as singularidades culturais do sertanejo, por meio da proposta de trazer concepções distintas em busca de desconstrução de interpretações predeterminadas pela sociedade e ilustra a diversidade geográfica e a riqueza cultural de um lugar classificado pelo imaginário do ser humano (criação, roteiro e direção dos alunos: George Cabral, Iuzicleide Ferreira, Juliana Pires, Lidiane Cavalcante, Lidmillie de Castro, Micael Benaic e Verusa Pinho); **“Bonecas de Luxo: glamour e fragilidade”**, que demonstra um olhar sobre a vida das acompanhantes da mais famosa casa noturna de Juazeiro, seus sonhos e ilusões (criação, roteiro e direção dos alunos: Anne Erotides, Fernanda Silva, Marcos Élder, Maria Gisele Sá e Michele Rodrigues); e **“Aventureiros da Asa Branca”**, que revela a rotina arriscada de trabalhadores rurais, que todos os dias aguardam às margens da BR 407 a oferta de um dia de trabalho nas fazendas de frutas da região (criação, roteiro e direção dos alunos: Ayala Lopes, Eneida Trindade, Lívia Orge, Josemary Nunes, Paulo Melo e José Sebastião Menezes).

São curtas de menos de quinze minutos, que refletem o desenvolvimento do caráter autoral com um recorte da realidade sob o ponto de vista dos documentaristas experimentais, que estrearam na produção cinematográfica e artística por meio desta atividade.

A Segunda edição do Curta na Uneb foi realizada em agosto de 2007 e foram exibidos os seguintes vídeos, de cerca de 10 minutos, produzidos por uma nova turma de alunos: **“Sobre a Ponte”** é o documentário que registra algumas histórias de pessoas que circulam na Ponte Presidente Dutra, principal ligação entre as cidades de Juazeiro, na Bahia, e Petrolina, em Pernambuco, localizadas no Vale do São Francisco. O filme

mostra diferentes imagens da ponte a partir das percepções e depoimentos daqueles que a utilizam como elo espacial de suas vidas. São pessoas que transitam em direção a diferentes destinos, sobre um mesmo lugar (criação, roteiro e direção dos alunos: Aline Bastos, Cíntia Sacramento, Helen Campos, Itamara Costa, Lizianne Castro, Lucilene Santos e Michele Gomes); **“Viajando ao Passado”**, mostra que em Juazeiro, no norte baiano, bem antes da chegada da televisão, já contava com uma imprensa atuante. O vídeo mostra que tudo começou com os pequenos jornais de enfoques literários ou políticos, depois vieram os sistemas de alto-falantes. Fruto de depoimentos ricos em detalhes e nostalgia, este trabalho traz um pouco da história da comunicação da cidade (criação, roteiro e direção dos alunos: Glauber Dantas, Greiciane de Souza, Osvaldo Capinam, Thalita Bezerra, Valquíria Pinheiro e Vera Lúcia Santana); **“João Beleza e tantos outros assim”** presta uma homenagem ao lendário João Martins de Souza, o popular João Doido, figura muito conhecida, em Juazeiro. O curta-metragem conta um pouco da história de vida de João e traz depoimentos sobre um deficiente mental, querido na comunidade juazeirense (criação, roteiro e direção dos alunos: Ana Carla Lima, Cidnei Leônidas Crus, Eduardo Nascimento, Sivirino Ramos Filho, Isabela Ornellas, Pâmela Bório, Vera Lúcia Alves e Claudemar Oliveira); e **“A guerra pela Ilha do Fogo”**, fantasia sobre um conflito na ilha, situada entre as cidades de Juazeiro e Petrolina, que protagoniza uma rixa velada entre as populações localizadas em uma das divisas entre a Bahia e Pernambuco. Dessas lendas e rixas (reais) surgiu o conto do escritor Mário Pyanelly, “Breve História de Dois Povos” e foi a partir dele que os alunos documentaram essa realidade fantástica, produzindo uma história de humor, alternada com informações e belas imagens de um dos principais pontos turísticos da região (criação, roteiro e direção dos alunos: Ana Jámille Nunes, Jean Carlos, Karine Paixão, Manuela Pereira, Nomeriana Cavalcanti e Priscila Lima).

A MOSTRA

Além de exibirem seus trabalhos ao final do semestre, os alunos também planejaram e promoveram a mostra de vídeos. Os estudantes

da disciplina se dividiram em equipes de cerimonial, captação de recursos, divulgação e memorial (o registro em texto e vídeo do projeto) para viabilizar a realização do evento. A primeira edição também abriu espaço na programação para a exibição de curtas de estudantes de comunicação da Bahia, de Pernambuco e de outros estados, além de produções independentes e palestras com a representante do Ministério das Comunicações Tarciana Portella, com a cineasta Clara Angélica, com professores do Departamento de Ciências Humanas da Uneb e outros convidados da região.

A primeira mostra foi realizada no final do semestre 2005.2, de 26 a 28 de julho de 2006. A Mostra foi aberta a toda a comunidade de Juazeiro-BA e Petrolina-PE, além de abrir inscrições para a participação de alunos dos estados de Bahia e Pernambuco na exibição de vídeos, ultrapassando os limites do Câmpus.

A segunda edição do Curta na Uneb foi organizada no semestre 2006.2, de 11 a 16 de agosto de 2007. O evento começou com uma oficina sobre iluminação e manuseio de câmera digital com o coordenador da TV Uneb em Salvador, Paulo Coelho. Durante o encontro, os alunos da universidade e a comunidade puderam vivenciar noções de iluminação, enquadramento, além de manusear uma câmera profissional e produzir dois curtas de dois minutos. Durante a mostra, também foi exibido o documentário *Vaqueiros - Canudos* e realizada uma palestra com os diretores e produtores do filme, que compartilharam com o público suas percepções na produção audiovisual. Manoel Neto, Miguel Teles e Roque Araújo, que trabalhou 30 anos com Glauber Rocha, falaram sobre sua experiência, do impacto do que foi documentado na região e do processo de edição do material. Uma oportunidade rara para a comunidade ter acesso gratuito a vídeos e documentários fora do circuito comercial e produzidos por gente da região, refletir e debater a pesquisa científica, associada aqui à arte, ao jornalismo e ao entretenimento.

Espaços como esses são essenciais para a formação de futuros profissionais de comunicação por proporcionarem um momento de experimentação e reflexão que pode fazer a diferença no mercado de trabalho e no fazer científico.

METODOLOGIA DE ENSINO

A disciplina de Laboratório de Vídeo-Arte está inserida no fluxograma do Curso de Jornalismo em Mídias da Uneb, na subárea de Artes, como disciplina optativa/eletiva. A ementa da disciplina contempla “A Produção experimental e educativa do vídeo artístico”, o que possibilita ao professor trabalhar dentro desse contexto tanto a área de arte como a da comunicação. Pela formação da professora que ministra a disciplina ser em jornalismo e pela natureza do curso: jornalismo em mídias, a nossa opção, ao oferecer essa oficina, foi aprofundar a produção documental, observando a estética de produções como curtas-metragens (de ficção ou não) e documentários nacionais e internacionais, quase sempre filmes fora do circuito comercial. Apesar da escolha pelo aprofundamento no documentarismo, entendo que é necessário incluir outras discussões, que não só ampliem o repertório do aluno, como também sirvam de base para reflexão e entendimento de conceitos diversos. Pensando nisso, elaborei um conteúdo programático que numa primeira unidade, contempla debates sobre a arte, o olhar e a imagem. Discussões realizadas por meio de textos e definições de autores diversos. Depois partimos para classificar, avaliar as diferenças e semelhanças de produções de ficção e não-ficção. Também buscamos refletir sobre a identificação do que se caracteriza como reportagem e o que é documentário, aprofundando em suas variadas e não-consensuais definições, além de estudarmos um pouco da história do documentarismo no cinema. No segundo momento da disciplina, trabalhamos os Elementos do Roteiro. Conceituamos “Idéia”; “Story-line” ou sinopse (nos filmes de não-ficção); Argumento; Localização, época e destinação da mensagem; além dos Gêneros de filmes, criação de Personagens, diálogos e formatação de um roteiro. Na terceira unidade, estudamos elementos técnicos da imagem, como os planos, cortes e o *flashback*. Também discutimos sobre a produção fílmica como instrumento de educação e transformação social. Paralelo a este conteúdo programático, iniciamos o planejamento das produções experimentais e da Mostra de Vídeo. Desde o primeiro dia de aula, os alunos recebem a previsão da disciplina e começamos a pensar no evento,

assim como nos produtos fílmicos. Caminhamos para um processo de aprendizado crescente, onde os estudantes desenvolvem o senso crítico mediante a análise das mais variadas produções, assim como despertam para a linguagem cinematográfica por meio de suas próprias criações.

ALUNOS-CINEASTAS

Produzir um filme em apenas 12 semanas dentro de um calendário acadêmico pode parecer uma tarefa impossível, mas não é. Na verdade, tem se mostrado algo bem prazeroso. Apesar das limitações financeiras e tecnológicas comuns no universo das instituições públicas de ensino, e talvez motivados por superá-las, temos conseguido driblar as dificuldades apostando na criatividade e no conteúdo elaborado das produções. Em cada aula é reservado um encontro para discutir as idéias. Inicialmente uma enxurrada de possibilidades e desejos de quem se vê diante da experiência de dirigir o próprio filme pela primeira vez. Depois o amadurecimento da inspiração por meio da pesquisa, de entrevistas (uma rotina do comunicador) e da investigação *in loco* de imagens, ângulos e enquadramentos, para só então definirmos um roteiro aberto (respeitando a imprevisibilidade e as surpresas que podem surgir nas gravações) e iniciarmos a captação de imagens. Os alunos têm toda a liberdade de inovar, desde a escolha do tema a ser tratado, das fontes até a edição do material, momento em o roteiro finalmente é concluído. Eles são incentivados a desenvolver o caráter autoral em seus filmes e, assim, assumir o próprio ponto de vista sobre suas temáticas sem se preocupar com a imparcialidade, tão cultuada no jornalismo. Mas a liberdade também é carregada de responsabilidade e respeito por meio de conceitos como o direito de imagem e os direitos autorais.

O resultado dos trabalhos sempre é uma grata surpresa. As produções demonstram uma diversidade de linguagens e representações que refletem a multiplicidade de olhares. Os alunos recorrem a variados recursos, entre colagem de fotografias, de imagens da internet, de depoimentos, de trilhas sonoras diversas, até à literatura, unindo poesia e cinema, palavra e imagem. Há também os vídeos-denúncia, o humor de crônicas que passeiam entre o real e o

imaginário, a desmistificação de conceitos e a abertura de um canal para quem muitas vezes não é ouvido, não tem voz na sociedade. Representações cinematográficas que unem a simplicidade de um olhar por trás da câmera com os recursos de edição digital, equilíbrio entre os efeitos visuais e os ângulos escolhidos e executados pelos próprios autores dos filmes. A criatividade surge com variados modos de produção para superar as limitações dos equipamentos, quase caseiros, mas que se transformam em ferramentas úteis ao contar tantas histórias. O conteúdo das produções é o grande mérito deste trabalho. E, ao final, todos se descobrem cineastas, ávidos por novas experimentações e descobertas que só o cinema é capaz de proporcionar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Num primeiro momento, esperava-se motivar a participação acadêmica na produção de filmes experimentais, uma oportunidade de associar a teoria e reflexão da sala de aula com a prática que ultrapassou o limite do Câmpus. Para abordar as mais variadas temáticas, os alunos pesquisaram e desenvolveram cada assunto sem seguir, necessariamente, uma linha jornalística. Eles foram incentivados a fazer do exercício uma experimentação de linguagens, estéticas e reflexões, desde que o trabalho fosse fundamentado na pesquisa, seja de fontes orais ou bibliográficas. Esse objetivo não só foi alcançado, como acabou motivando os alunos de outras turmas a também desenvolverem seus trabalhos ou pelo menos iniciarem a pesquisa de roteiros que futuramente vão ser filmados.

A comunidade também participou, enviando produções independentes e comparecendo aos debates sobre a produção de audiovisual no Nordeste e no Brasil, as políticas de incentivo e fomento na área. As discussões aconteciam logo após as exibições. A mostra também contou com a participação de estudantes de outros estados, como Pernambuco, que exibiu alguns vídeos produzidos em Recife. Vídeos do Festival de 1 minuto da Amazônia e do Rio de Janeiro também foram inscritos na mostra.

Em suas edições, o evento foi assunto na imprensa local, que realizou entrevistas e reportagens durante toda a realização da mostra.

O projeto também ganhou espaço no *site* oficial da Universidade e despertou a curiosidade de outros professores interessados na área de audiovisual, proporcionando o espaço para novas parcerias para o curso de Jornalismo em Multimeios.

Durante todo o planejamento da mostra, os alunos da disciplina Laboratório de Vídeo-Arte levaram o debate da produção experimental para comunidades virtuais e, ao final do semestre, registraram tudo em um trabalho que está disponível na biblioteca da universidade. O memorial das edições do Curta na Uneb consta de um trabalho escrito com o registro fotográfico e a descrição de todo o projeto de pesquisa, que começou com o planejamento da disciplina pela professora-pesquisadora. Além do texto, os alunos também desenvolveram vídeos com os bastidores da pesquisa e a execução do projeto.

É difícil mensurar os impactos de um projeto como esse, que ultrapassa os limites da sala de aula e da universidade e atinge outras comunidades acadêmicas e a população interessada na temática audiovisual. Mas se formos refletir apenas do ponto de vista dos alunos, podemos assegurar que a reflexão sob um olhar diferenciado de cada um levou a um interesse e a possibilidade da pesquisa científica utilizando outros instrumentos, nesse caso, o suporte audiovisual. E o resultado desses trabalhos já pôde ser visto em alguns festivais nacionais. Os vídeos dos alunos foram selecionados e exibidos em festivais como o de Mauá – São Paulo e o de Natal – Rio Grande do Norte. Na Mostra 14 BIS de Vídeo Amador e Universitário, o curta-metragem Noturno ganhou menção honrosa “pela intenção da utilização de elementos de linguagem cinematográfica no documentário, superando a estética da reportagem”. No Vale Curtas, mostra do Vale do São Francisco, o filme **“A guerra pela Ilha do Fogo”** também ganhou uma menção honrosa, concorrendo com produções de todo o Brasil.

Graças ao resultado do trabalho de pesquisa durante a disciplina, a professora/autora do projeto e os alunos foram convidados por dois anos consecutivos a levar esta experiência a uma mostra-debate realizada no Sesc-Petrolina. A experiência também chamou a atenção de uma escola particular de ensino médio de Juazeiro, que também convidou o grupo para compartilhar o exercício. Além disso, a experiência já foi apresentada no Fórum Nacional de Professores de Jornalismo e no Encontro Norte-Nordeste de Escolas de Comunicação.

Apenas o fato de motivar esses alunos no fazer científico já seria suficiente, mas testemunhar a universalidade desses trabalhos, que ultrapassaram barreiras e alcançaram um público diversificado é contribuir para a democratização e a multiplicação do conhecimento.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA¹

AUMONT, Jacques. **A estética do filme**. São Paulo: Papirus, 1995.

AUMONT, Jacques. **A imagem**. São Paulo: Papirus, 1993.

FRIEDICH, Hegel; WILHELM, Georg. **Estética: a idéia e o ideal**. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

GARCEZ, Lucília; OLIVEIRA, Jô. **Explicando a arte: uma iniciação para entender e apreciar as artes visuais**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

PENAFRIA, Manuela. **O filme documentário: história, identidade, tecnologia**. Lisboa: Cosmos, 1999.

REY, Marcos. **O roteirista profissional: televisão e cinema**. São Paulo: Ática, 1989.

TEXTOS

Cruz Vilma Vitor. **Educando o olhar**. 2004. 6 f. Dissertação (Especialização em Ensino de Comunicação Social, modalidade fotografia) – Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Bahia, 2004.

MELO, Cristina Teixeira V. de; GOMES, Isaltina Mello; MORAIS, Wilma. O Documentário Jornalístico, Gênero Essencialmente Autoral: INTERCOM-sociedade brasileira de estudos Interdisciplinares da Comunicação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DA COMUNICAÇÃO, 24., 2001. Campo Grande, MS. **Anais...** Campo Grande, MS: Congresso Brasileiro da Comunicação, 2001.

MELO, Cristina Teixeira V. de. O Documentário como Gênero Audiovisual. In: XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, 25., 2002. Salvador. **Anais...** Salvador: Congresso Anual em Ciência da Comunicação, 2002.

DOCUMENTOS DIGITAIS CONSULTADOS

BRASIL, Umbelino. **O filme Documentário como “documento verdade”**. Disponível em: <www.olhodaistoria.ufba.br/01ofilme.html>. Acesso em: 02 dez. 2007.

PENAFRIA, Manuela. O filme documentário em debate: John Grierson e o movimento documentarista britânico. In: SOPCOM, 3., LUSOCOM, 4., 2004. Covilhã. **Anais...** Covilhã: UBI, 2004.

PENAFRIA, Manuela. **O filme documentário em suporte digital**. 1999. Disponível em: <www.bocc.pt/pag/madail-penafria-digital.html>. Acesso em: 03 dez. 2007.

PENAFRIA, Manuela. **Perspectivas de desenvolvimento para o documentarismo**. 1999. Disponível em: <www.bocc.ubi.pt/pag/penafria-perspectivas-documentarismo.html>. Acesso em: 03 dez. 2007.

PENAFRIA, Manuela. **Unidade e diversidade do filme documentário**. 1998. Disponível em: <www.bocc.ubi.pt/pag/pnafria-manuela-filme-doc.html>. Acesso em: 03 dez. 2007.

FILMOGRAFIA E REPORTAGENS ESPECIAIS CONSULTADAS

Josué de Castro: Por um mundo sem fome

Josué de Castro: Cidadão do Mundo

Buena Vista Social Clube

Faixa de Areia

¹ Por se tratar de um relato cujo conteúdo é caracterizado por experiência da autora, optou-se por utilizar bibliografia consultada e materiais consultados que dão respaldo teórico às colocações da autora ao longo da narrativa.

Soy Cuba
Arquitetura da Destruição
Nós que aqui estamos, por vós esperamos
O zero não é vazio
A menina do algodão
O som da luz do trovão
An inconvenient truth
John e Yoko: uma chance à paz
Eu matei John Lennon
Tsunami: anatomia de um desastre
Tsunami: a onda assassina
Gripe das aves
Londres na mira do terror
Munique
Prisioneiro da grade de ferro
Todos os corações do mundo
Simião Martiniano: O camelô cineasta
Vinda de Estudante
Orai Roxa: Viva São Gonçalo!
Babilônia 2000

Recebido: 11/12/2007
Received: 12/11/2007

Aprovado: 18/12/2007
Approved: 12/18/2007